

Qual a mensagem de Paulo Freire para os dias atuais?: diálogos sobre a relevância do pensamento de Freire para entender o Brasil hoje

· Edição de Ana Cristina Suzina, coa participação de Thomas Tufte e César Jiménez
Loughborough University, Reino Unido¹



César Jiménez, Thomas Tufte, Ana Cristina Suzina e Jorge González no Brazil Seminar na Loughborough University.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Ana Cristina Suzina é pesquisadora pós-doutoral no Instituto de Mídia e Indústrias Criativas na Loughborough University em Londres. Sua pesquisa tem como foco práticas de comunicação desenvolvidas por movimentos sociais e comunidades marginalizadas, emancipação e inclusão social, desigualdades sociais e assimetrias políticas, efeitos da ruptura digital sobre a comunicação popular, epistemologias do sul, com foco na América Latina. Também pesquisa e milita sobre questões de maternidade na academia.

Contacto: a.suzina@lboro.ac.uk

Thomas Tufte é professor e diretor do Instituto de Mídia e Indústrias Criativas na Loughborough University em Londres. Sua especialidade e experiência se concentram em explorar criticamente as relações entre mídia, práticas comunicacionais e processos de engajamento cidadão e mudança social. Seus interesses de pesquisa tem evoluído em torno de duas áreas principais: estudos quantitativos de audiência e comunicação para a mudança social, com foco na América Latina e na África Sub-Sahariana.

César Jiménez é professor de Global Media and Communications na Escola de Jornalismo, Mídia e Cultura da Cardiff University. Sua pesquisa abrange temas como Mídia e Nacionalismo, Visibilidade,

Diplomacia Pública, Marca Nacional, Representação Midiática, Movimentos Sociais, e Mídia e Globalização. Ele está, atualmente, preparando um livro sobre os protestos de junho de 2013 no Brasil, que será publicado pela editora Palgrave em 2020.

Paulo Freire é, sem dúvida, uma figura seminal central no campo da comunicação participativa, tanto no Brasil quanto internacionalmente. Isso torna particularmente paradoxais os esforços do atual governo brasileiro para eliminar qualquer traço da pedagogia freireana de todas as políticas e práticas no país. O diálogo que reproduzimos aqui – que encerrou o seminário ‘Desenvolvimento da sociedade civil e comunicação participativa no novo contexto atual. Diálogos sobre o legado de Paulo Freire’, realizado na Loughborough University, em junho de 2019 – busca ir além de reconhecer a significância de Freire, para discutir a relevância de seu pensamento no Brasil atual. Particularmente, examinamos como as ideias de Freire sobre relação opressor-oprimido, diálogo e paciência contribuem para analisar questões contemporâneas no país, incluindo a polarização social e política, a continuada importância da religião, a digitalização da comunicação social, assim como a possibilidade de resistência e mudança. Estamos convencidos de que a discussão que apresentamos tem relevância para além do caso brasileiro e pode inspirar reflexões e práticas atualizadas e instigantes, no campo da Comunicação e Mudança Social, em outros contextos².

- Vivemos tempos em que a polarização política e social, não só no Brasil, mas em diversas sociedades, parece ter se aprofundado. Que ideias de Paulo Freire podem ser úteis para analisar esta situação, especialmente no que se refere a desigualdades sociais e à relação opressor-oprimido?

Ana Cristina Suzina (Loughborough University): Eu acho que nós precisamos entender melhor a relação opressor-oprimido. Nós tivemos muitas discussões sobre como abordar esses atores sociais. Ontem, de certa forma, nós concluímos o dia falando sobre opressão e dominação como questões estruturais, seguindo o pensamento de Freire. Eu estava pensando que, na verdade, o que ele diz é que é preciso humanizar a ambos. Freire reconhece essa tensão opressores-oprimidos, mas ele também diz que o único caminho para resolvê-la não é intercambiar papéis, mas humanizar a ambos. Isso me faz recordar a questão da Jo Tacchi [Loughborough University London] sobre escala e eu acho que essas

questões se relacionam. Talvez, a escala seja como liberar os oprimidos contando com a participação dos opressores. Nós temos que nos fazer essa pergunta. Se nós abordarmos apenas um lado, como se nós pudéssemos apoiar essa liberação, com nossas competências, como pesquisadores; nós precisamos também pensar sobre como abordar o outro lado. Se não o fizermos, nós não estaremos trabalhando no mesmo nível de pensamento que Freire. Isso também faz pensar em uma outra discussão sobre diálogo além do discurso. Jessica Noske-Turner, [Loughborough University London] perguntou se podemos usar as mesmas táticas. Então, eu acredito que essas questões sobre a escala e sobre o desafio de abordar opressores e oprimidos simultaneamente nos levam a uma reflexão mais profunda sobre os tipos de abordagem necessários e possíveis.

- É possível aprofundar um pouco mais o que quer dizer humanizar o oprimido e o opressor?

Joana Pereira de Magalhães (Universidade do Porto): Eu penso que Freire é muito claro em sua mensagem de que nós deveríamos trabalhar com o povo oprimido, porque essas são as pessoas que estão desumanizadas, porque são as pessoas que estão servindo a outras. Então, nós devemos humanizá-las de modo que elas possam humanizar o opressor. E isso me parece o aspecto que, às vezes, não estava totalmente claro aqui. Porque os opressores já são pessoas agindo por elas mesmas, eles são servidos pelos outros. Eles já são sujeitos e os outros são os objetos. Se estes se tornam sujeitos, os opressores não terão mais a quem oprimir. Esse é o único caminho para mudar essa opressão.

Assim, eu acredito que a única maneira em que nós podemos trabalhar com o opressor é abordando as opressões que ele também sofre, como no machismo, por exemplo, em que os homens também são afetados, porque não podem chorar, não podem usar determinadas roupas. Neste sentido, eles também são oprimidos pela lógica masculina dominante. Então, nós podemos trabalhar com o opressor desta forma, mas isso é um nível diferente.

Em uma experiência de que me lembro, estávamos trabalhando com empregadas domésticas. Vimos uma delas chorando, sem parar, em frente a um espelho. Quando perguntamos o que estava acontecendo, ela falou que, pela primeira vez, estava vendo uma mulher; “antes eu só via a empregada doméstica”. Essa é a forma de libertá-la. Nós trabalhamos com empregadas domésticas. No momento em que elas se veem como seres humanos, isso rompe uma relação de poder. Por isso, eu penso que é muito importante que nunca esqueçamos que o opressor não pode ser liberado, porque ele já está livre nesta relação, ainda que possa sofrer por outro tipo de opressão. Eu não acredito que seja possível liberar os brancos do racismo ou da posição de privilégio. Eles já estão livres.

- Isso significa que as categorias de opressor e oprimido precisam ser também reavaliadas ou reformuladas?

César Jiménez (Cardiff University): Eu considero importante pensar nessas categorias de opressor e oprimido porque, mesmo que encontremos alguma definição mais fina, nós ainda precisamos incorporar a situação em que o opressor se sente oprimido ou reclama uma condição de oprimido para si mesmo. É preciso repensar essas definições

Leonardo Custódio (University of Tampere/ARMA Alliance): Eu estou refletindo muito sobre essa questão opressor-oprimido e acho que vou ter que ler Paulo Freire novamente, porque eu lembro que quando eu o li, o fiz a partir de uma perspectiva bastante dogmática. Mesmo quando você é crítico, se você parte de uma perspectiva positiva, seu criticismo terá um determinado tom. Mas a razão para ler Paulo Freire novamente não é necessariamente porque eu quero buscar elementos em sua obra para criticar, mas para ver se existe uma resposta ali para uma questão que eu me faço depois deste seminário: qual é a nossa posição nessa dicotomia opressor-oprimido? Nossa, das pessoas presentes nesta sala.

Ontem, César Jiménez, Fanny Vrydagh [Université Libre de Bruxelles] e eu estávamos falando sobre nossas trajetórias pessoais até chegar onde estamos agora. Quando as pessoas me perguntam isso, geralmente eu respondo que houve uma espécie de transição social, econômica, política. Eu geralmente digo às

pessoas que, se elas tivessem me conhecido antes de me mudar pra Finlândia – e eu não estou dizendo que a Finlândia foi o ponto principal desta mudança, mas em parte foi um ponto claro –, eu era muito semelhante a um eleitor do Bolsonaro, de diversas maneiras. Um dos meus amigos, que é um apoiador do Bolsonaro e trabalha na área de segurança, me disse, uma vez, “eu gostava tanto de você quando você louvava a Deus, respeitava a polícia e não dizia todas essas baboseiras que você fala agora”. Isso é o que eu chamo de transição. Antes disso, eu era oprimido? Minha resposta é não. Então, como definir o oprimido?

Nós discutimos, nestes dias, a complexidade de descrever classe social no Brasil, falamos sobre a classe média. Eu pensei na renda como elemento definidor, mas sei que isso é problemático. Eu penso que a ideia de oprimido-opressor, tal como a discutimos aqui, precisa ser ampliada. Pode haver oprimidos e opressores mesmo no interior da classe mais pobre. Porque eu venho desse lugar, em que eu estava numa posição que me permitia ser opressor dos meus primos. A maneira como falamos sugere que nos referimos a ricos e pobres e eu me pergunto se é realmente essa a nossa definição. Eu não estou negando que exista uma relação opressor-oprimido, mas quem define isso? E onde nos posicionamos nisso?

- Podemos, portanto, afirmar que é preciso repensar essas relações entre opressores e oprimidos? Talvez, aprofundar sua complexidade?

Jim McDonnell (WACC UK): Creio Estamos refletindo sobre reconhecer a realidade de um mundo em que uns tem mais agência que outros, uns tem mais oportunidades que outros, e nos fazemos a pergunta sobre a relação opressor-oprimido, e como nos posicionamos nela. Nós somos sempre seres de múltiplo caráter, em diferentes níveis. Isso me faz pensar que precisamos dar um passo atrás e olhar para o lugar em que estamos e o contexto de contradições em que estamos vivendo. E acredito que essa deve ser uma atitude permanente.

Jorge González (Universidad Autónoma de México): Me parece importante salientar que é perigoso, conceitualmente e metodologicamente, tomar essas categorias como etiquetas e

“Existe um elemento de legado presente em gerações subsequentes a Freire, que estão lidando como desafios sociais semelhantes, que estão no coração de seu trabalho, esse desafios de desenvolvimento, justiça”

Thomas Tufte

aplicá-las às pessoas, porque isso é um processo dinâmico e essas categorias se estabelecem em uma relação. A ciência, todas as ciências, tem a missão de criar uma perspectiva processual que mostre essa evolução permanente. Também me parece importante lembrar que poder é sempre uma relação tripolar: A tem poder sobre B em uma situação X; se a condição X muda, é possível que B exerça poder sobre A. Assim, a questão é como discutir essa relação, dentro de um marco processual, histórico. Para mim, um dos aspectos mais interessantes destas discussões, sobre as pessoas aprendendo a ler e escrever o mundo por esse método [o método de Paulo Freire], é justamente o aspecto processual. A mudança pode acontecer por meio disso e isso, para mim, é esperança.

- Outro conceito fundamental dentro do pensamento de Freire é o diálogo. Precisamos também reavaliá-lo, especialmente sobre a possibilidade de torná-lo realidade no contexto atual?

César Jiménez: Eu também estava pensando sobre uma questão levantada pelo Helton Levy [City University London] sobre diálogo. Talvez, nós tenhamos uma tendência de ser um pouco dogmáticos com Freire, por causa do ar fresco que ele traz para a discussão. Mas, talvez, nós também precisemos nos perguntar quanto de seus pensamentos nós podemos realmente aplicar no contexto atual, fazendo referência à importância da praxis em sua obra. Quanto realmente podemos pensar em diálogo no contexto atual? É possível falar do mesmo tipo de diálogo que ele propunha ou precisamos reconfigurar, atualizar? O mesmo vale para a ideia de alfabetização. Quanto podemos falar sobre alfabetização no contexto atual? Em que medida podemos atualizar essas ideias? Para mim, é importante também pensar no desafio: como dialogar com seu trabalho de forma mais explícita, mas também em que medida e em que profundidade podemos usá-lo? Inclusive sem cair numa visão dogmática, tomando tudo que ele falou como uma espécie de livro sagrado, que nós não podemos criticar ou avançar, e que deve ser aplicado do jeito que ele escreveu.

Thomas Tufte (Loughborough University): Eu vou retomar um dos pontos abordados por Silvio Waisbord [George Washington University] sobre as condições para a emergência de uma política

dialógica como uma das questões que circulou nestes dias, em relação ao legado de Freire, no contexto do desenvolvimento da sociedade civil e da comunicação participativa. Eu estou tentando explorar as condições para o diálogo e essa ideia de política dialógica, principalmente no contexto brasileiro. Eu sinto que muito do que discutimos nestes dois dias foi um pouco desalentador ou, pelo menos, não necessariamente esperançoso. Eu sinto que estamos vivendo em um momento de crise, de encolhimento do espaço de ação da sociedade civil e a participação da sociedade brasileira vem sendo ameaçada, com certa anuência de uma parte da sociedade. César Jiménez mencionou o problema do discurso de ódio nas redes sociais, por exemplo. Tudo isso sugere um momento difícil.

“As pessoas aprendendo a ler e escrever o mundo por esse método de Freire, é justamente o aspecto processual. A mudança pode acontecer por meio disso e isso, para mim, é esperança.”

Jorge González

Eu também quero recuperar a questão de um contexto de crescente mediação em que os fatos estão se desenrolando. Eu perguntei ao Silvio o que ele entende por “configurações não-institucionais”, porque eu associo esse termo a movimentos sociais, ações comunitárias como as desenvolvidas por Freire, ou outras iniciativas como essas. Mas ele estava falando sobre a

internet. Então, eu penso que nós precisamos falar a mesma linguagem, e entender o que queremos dizer quando falamos de “configurações não-institucionais”, porque, se esse termo faz referência à internet, é também uma questão de mediação. Nós precisamos entender esses “espaços não-regulamentados”, em que as pessoas lançam comentários agressivos umas contra as outras, e coisas semelhantes.

- Que outros conceitos de Freire precisam ser melhor examinados?

Ana Cristina Suzina: Eu acho que outro aspecto que precisamos refletir melhor é essa prerrogativa de Freire de ser “impacientemente paciente”. Isso nos faz pensar no longo caminho da mudança social. Ontem, nós falamos sobre latência e nós vimos o filme [Chão], e estivemos falando sobre os diferentes tempos que nós vimos nesse filme. É uma dimensão diferente do tempo. Algumas vezes, quando pensamos e sentimos que não tem nada acontecendo, existem muitas coisas acontecendo ali. Então, o tempo da mudança não é fazer alguma coisa e obter um resultado, e então fazer outra coisa, sequencialmente.

Talvez, nós precisemos entender melhor o que significa ser impacientemente pacientes, porque a mudança também está associada com contexto e recursos. Isso me fez pensar em um dos casos que eu estudei em meu doutorado. Eu estava observando essa comunidade no interior da Amazônia, onde eles tinham uma rede de jornais comunitários impressos, desenvolvidos com um amplo envolvimento comunitário, escrevendo juntos, inclusive à mão, desenhando, fazendo cópias. E eles abandonaram tudo isso para criar páginas no Facebook. Minha primeira análise foi que o espírito comunitário estava se perdendo ali, porque eles estavam migrando para plataformas totalmente individuais. Eles chegaram mesmo a me dizer que, assim, eles não precisavam consultar ninguém mais, porque poderiam acessar as páginas e escrever o que quisessem. Minha primeira reação foi que o sentido de comunidade estava se perdendo ali, que tinha alguma coisa importante se perdendo naquele processo. Mas, então, mudança diz respeito ao contexto e aos recursos. E um membro daquela rede me disse que eles não iam perder o que eles construíram antes juntos, que eles tinham contruído uma relação e um processo que continuava presente nessas páginas individuais. Latência também diz respeito aos diferentes contextos e recursos aplicados em uma situação.

Thomas Tufte: Eu destaco algumas coisas que discutimos, como a emergência de novas gramáticas de contestação, novas táticas, novos espaços, novas temporalidades. Existem novas inter-relações sociais e dinâmicas. E tudo isso constitui o corpus que nós precisamos compreender melhor, como resume a Ana Cristina Suzina.

É possível ouvir o pensamento de Freire hoje?, que era a questão deste diálogo. Eu não sei. Eu quero citar Glauber Lima, [Loughborough University London] e Leonardo Custódio. Leonardo disse “Freire esteve comigo durante toda essa caminhada, mesmo que eu não o tenha lido”. E Glauber disse “quatro anos estudando história em Recife e Freire estava por todos os lados”. De alguma forma, mesmo que alguém não o tenha lido, existe um elemento de legado presente em gerações subsequentes a Freire, que estão lidando como desafios sociais semelhantes, que estão no coração de seu

trabalho, esse desafios de desenvolvimento, justiça. Nós não falamos muito sobre direitos humanos aqui, mas é um tema transversal a muito do que discutimos.

- E existem outras ideias de Freire que podem ser relevantes hoje, mas que talvez não tem recebido suficiente atenção?

César Jiménez Martínez: Existe uma coisa sobre a qual venho pensando muito e ela se refere aos limites do pensamento de Freire. Eu estava refletindo sobre como a maioria de nós não se autodeclara “freireano”, provavelmente porque muitos de nós não conhecem tão profundamente sua obra. O que eu observei, porém, é que, na maioria das apresentações, Freire era predominantemente tangencial; não exatamente o centro da abordagem. Eu não estou dizendo isso como algo negativo. Acho que isso pode ser positivo, porque o poder de seus pensamentos permeia tudo aquilo de que nós estávamos falando, sem necessariamente estar no centro das nossas abordagens.

Mas eu também observei que nós tendemos a ser criteriosos sobre o que usamos e não usamos da obra de Freire. Eu praticamente não vi nenhuma referência às suas raízes cristãs ou a sua relação com o catolicismo. Nós falamos muito sobre diálogo, sobre pedagogia, mas muito pouco sobre sua visão da igreja, entre outros aspectos. Esta é uma questão aberta. Isso acontece porque nós pensamos que esse aspecto não é relevante para o contexto atual? Ou isso simplesmente não se encaixa nas nossas pesquisas?

Jorge González: Trabalhando com meu colega Jesús Galindo, no México, nós dois pensamos que a Teologia da Libertação teve um papel muito central e importante e é uma espécie de resultado, de ideia renovada que nasceu na América Latina. O trabalho prático, a prática, foi um resultado impressionante, um caso exemplar que não recebeu o mérito devido. É algo que precisa ser mais conhecido e analisado: como aquele discurso e prática religiosos foram usados e foram úteis para constituir o povo como um povo, como seres humanos. Isso é

“Não é possível falar de Freire de maneira puramente teórica. Isso é impossível. E eu penso que isso é muito estimulante. Porque, entre os pilares de seu pensamento, está sempre a ideia de praxis.”

César Jiménez

fundamental. Essa é uma dinâmica ao mesmo tempo individual e coletiva.

Eu estive também trabalhando com a Cicilia Peruzzo, [Universidade Anhembi Morumbi/ Universidade Estadual do Rio de Janeiro] em uma pesquisa de campo. Ambos nos encontramos, no Brasil e no México, com a consistência desse trabalho tão concreto, dessa praxis. É impressionante, porque é a única coisa que dá esperança em um mundo que se desconectou e destruiu a esperança.

Eu vou repetir a frase de meu ex-colega e professor, Rolando García. Nós acabamos de editar um livro sobre a influência de seu trabalho em ensino e pesquisa. O título do livro é “Ninguém está morto se continua lutando”. As ideias de Freire continuam lutando; não apenas lutando, semeando.

Eliana Herrera (Universidad Minuto de Dios): Existem algumas ideias que passam pela minha cabeça quando eu leio Paulo Freire atualmente. Por exemplo, tudo que é comunicação popular, educação popular. Eu tenho mais questões do que respostas quanto a isso. Quando eu ouço esses termos, eu me pergunto o que é popular atualmente. Nos nossos dias, como entender a diferença em relação ao pluralismo? Como aprender do conhecimento dessa diversidade? Como aprender do conhecimento dessas diferentes comunidades populares, povos indígenas? Então, o que é a comunicação popular, a educação popular em nossos dias? Precisamos entender como algumas comunidades, como as indígenas, por exemplo, resistem, re-existem, contra a opressão hegemônica.

Jim McDonnell: Uma coisa de que sinto falta, em muitas dessas discussões, é a perspectiva histórica. De onde vem essas contradições? Como chegamos a este ponto, o que aconteceu antes? É possível comparar com outras instituições, outros movimentos, outros tempos? O que podemos aprender situando-nos no presente e olhando para o passado? Eu acredito que a perspectiva histórica para este tipo de debate pode ser enriquecedora.

Nós falamos sobre o papel das igrejas. Em diferentes contextos, elas serviram de espaço para as pessoas aprenderem a se organizar. Se olhamos para a história da Igreja Metodista no Reino Unido, por exemplo, ela se conecta com a emergência do movimento sindical. Muitos sin-

dicalistas eram pessoas religiosas que frequentavam a Igreja Metodista e adquiriram muitas competências por serem parte daquela instituição e, em seguida, levaram essas competências para outra instituição. Eu acredito que esta seja uma questão importante para se fazer no Brasil hoje, sobre o papel das igrejas: o que as pessoas estão aprendendo nelas atualmente?

- Que desafios a aplicação das ideias de Freire apresenta para a ciência em geral?

Ana Cristina Suzina: Em relação aos desafios para a pesquisa, praticamente todos nós viemos para esta mesa anunciando que não éramos especialistas em Paulo Freire, mas nós fizemos muitas reflexões como especialistas. E eu acho que isso se relaciona com os desafios para a pesquisa com que nos confrontamos. Paola Madrid Sartoretto, [Stockholm University] levantou, ontem, a questão sobre o que significa ser um “especialista”, como nos relacionamos com as pessoas com que estamos trabalhando. Eu diria que esses desafios se referem, primeiro, a envolver mais e melhor esses atores no debate: como podemos integrar essas pessoas em um espaço como este para conhecer também qual é a perspectiva delas sobre esses conceitos? Como elas imaginam que esses conceitos se aplicam ao que elas estão fazendo ou como podem contribuir em seus desafios?

Outra coisa é que, talvez, nós também devêssemos discutir sobre a possibilidade de usar outros métodos nesses debates. Eu penso imediatamente no Teatro do Oprimido, que é algo tão próximo do pensamento de Freire. Por que não poderíamos usar uma performance para experimentar, vivenciar alguns desses conceitos? Em alguns casos, podemos ter reflexões diferentes pela oportunidade de “colocar nossas mãos” no conceito.

César Jiménez: Eu estava conversando com o Thomas Tufte sobre como as discussões que tivemos nestes dois dias não são limitadas à academia. Ontem, eu coloquei no meu Twitter “Paulo Freire”, só para ver o tipo de discussões que circulam, antes de começar nosso seminário. E eu notei que havia uma grande discussão, que diziam vir de alguma publicação do MIT, sobre brasileiros famosos no mundo. Pelé era o número 1, Lula era o número 4, Paulo Freire era número 6. Esse resultado estava em destaque e era possível observar uma grande

“Uma coisa de que sinto falta é a perspectiva histórica. De onde vem essas contradições? Como chegamos a este ponto, o que aconteceu antes? A perspectiva histórica para este tipo de debate pode ser enriquecedora.”

Jim McDonnell

controvérsia ao redor dele no Twitter, com algumas pessoas dizendo “vejam, Paulo Freire sendo odiado no Brasil e referência em tantos outros lugares”, enquanto outras diziam “foi apenas mais um comunista”, e assim por diante. Ao mesmo tempo, Thomas foi entrevistado ontem para um blog brasileiro sobre este seminário. Nesta manhã, eu estava checando os comentários. Talvez, muitos deles venham de robôs, mas lá estava novamente aquela mesma controvérsia, incluindo perguntas como “por que essa gente em Londres está discutindo a educação no Brasil?” ou “por que eles não mandam os filhos deles para escolas brasileiras, se elas são tão boas aqui?” etc. Isso me mostra o quanto Paulo Freire está vivo e é tão controverso, e quão importante é falar dele.

Outro aspecto que eu considere muito estimulante nas conversas foi que não é possível falar de Freire de maneira puramente teórica. Isso é impossível. E eu penso que isso é muito estimulante. Porque, entre os pilares de seu pensamento, está sempre a ideia de praxis. Nós estamos falando de linguagem, de discurso, mas o que estamos fazendo com isso? Qual é o objetivo de falar sobre isso? E isso é algo de que eu realmente gostei, porque existem algumas discussões no campo da mídia e da comunicação que se reduzem ao campo das teorias, e elas podem ser muito interessantes, mas Freire nos desafia a pensar como aplicar essas reflexões e também sobre o contexto. E esse era a questão destacada pelo Leonardo Custódio, sobre a necessidade de pensar no contexto, na realidade das discussões, não apenas em um nível exclusivamente discursivo. E isso é algo de que eu realmente gostei.

- As ideias de Freire podem ser úteis também para analisar a digitalização da comunicação e da mídia?

Thomas Tufte: Nós compartilhamos experiências, falamos de experiências do MST, da ARMA, das periferias, e muitas outras. Parte disso tudo se associa com o trabalho do Jorge González e sua noção de *cybercultur@*, com sistemas de informação, práticas comunicativas e produção de conhecimento. Existem alinhamentos interessantes com Paulo Freire em algumas dessas reflexões. Eu discuto essa noção de culturas de governança, como uma espécie de interpretação da noção de *cybercultur@*. Tudo isso se associa

com o que eu considero um próximo passo, depois do seminário. Nós podemos terminar dizendo que precisamos aprofundar as pesquisas, que precisamos de mais ação. Em geral, mais pesquisa é fundamental no nível acadêmico. Então, se nós queremos caminhar em direção e uma política de esperança, como Silvio Waisbord definiu, eu acho que nós precisamos entender melhor o momento contemporâneo, não apenas no Brasil.

Eu estou co-orientando a pesquisa doutoral do Flávio Garcia da Rocha, [Loughborough University London], que está estudando audiências de televisão no Brasil atualmente. Ele está observando como essa nova realidade midiática está desafiando a Globo, sobretudo sua dominação, e está sugerindo outros espaços em que as pessoas formam suas comunidades. Em vez de se reunir, às 7 ou 8 da noite, ao redor da telenovela, as pessoas se movem muito mais, em diversas direções.

Nós também precisamos insistir em uma perspectiva transnacional. Nossas comunidades e afinidades não se limitam a fronteiras nacionais, mas passam a ser internacionais e transnacionais.

Eu recupero uma questão levantada pelo Helton Levy sobre a alfabetização midiática tradicional e acho que isso se associa com o que o César disse sobre os limites do pensamento de Freire. Mas eu penso que isso está acontecendo de maneira permanente, como em alguns dos exemplos que vimos aqui. Eu conversava com Silvio, durante o intervalo, que Freire constitui uma leitura fundamental no que se refere a práticas libertadoras ou processos de produção de conhecimento.

No que se refere a Freire ser fundamentalmente empírico, diretamente relacionado com a praxis, eu me pergunto se nós precisamos reinventar as Comunidades Eclesiais de Base. Seria interessante revisitar a Teologia da Libertação. Tem muito do pensamento freireano que talvez fosse interessante analisar novamente. Existiam muitas dinâmicas interessantes em andamento, de maneira praticamente invisível, nessas Comunidades Eclesiais de Base. Talvez isso esteja acontecendo hoje, nesse contexto de populismo, esferas públicas fragmentadas e em disputa, ausência de bases compartilhadas, entre outros aspectos. Eu termino este seminário um pouco desencorajado, mas determinado que temos

“Nós deveríamos trabalhar com o povo oprimido. Essas são as pessoas que estão desumanizadas, porque são as pessoas que estão servindo a outras. Nós devemos humanizá-las de modo que elas possam humanizar o opressor.”

Joana Pereira de Magalhães

que seguir adiante. Eu não consigo ouvir Freire tão bem, como eu gostaria; e não somente Freire, mas eu não consigo identificar as condições para o diálogo, eu não as vejo tão claramente como eu gostaria.

Paola Madrid Sartoretto (Stockholm University): Eu acabei de voltar da conferência da ICA [*International Communication Association*], a Associação Internacional de Comunicação. Ontem, eu estava conversando com a Ana Cristina Suzina sobre essa questão do determinismo tecnológico. Nós não temos agência; nós não podemos confrontar dados, não podemos confrontar algoritmos. Eu acredito que as ideias de Paulo Freire nos convidam a trazer essa agência de volta, a pensar como podemos ter agência e abordar as tecnologias como algo que podemos confrontar. Existe uma coisa que podemos aprender dos movimentos sociais, especialmente daqueles que nós estudamos, porque seus membros estão muito conscientes da necessidade de ter agência sobre as tecnologias e se apropriar delas. Eu acredito que essa seja uma maneira para atualizar Paulo Freire, usar e manter seu legado, mas ir além disso.

- De um ponto de vista mais reflexivo, as ideias de Freire propiciam uma abordagem crítica ao trabalho atual da academia?

Leonardo Custódio: No contexto da discussão sobre opressor-oprimido, nós estamos em uma instituição, a academia, que, por definição, restringe o diálogo, que estabelece condições para o diálogo para seu próprio benefício e proveito. O preço da inscrição em conferências, por exemplo. Como solução, nós tentamos publicar em acesso livre, popularizar a pesquisa. Minha questão é se nós somos capazes de criar um diálogo pra falar sobre tudo isso, se não definimos o que queremos dizer por opressor-oprimido?

Em muitas das falas de hoje, apareceu novamente a ideia de que temos que fazer alguma coisa pelos oprimidos. Isso quer dizer que nós pertencemos a uma outra categoria? Excepcionais pesquisadores? Porque estamos falando de uma dicotomia e, se não estamos nela, nós somos alguma outra coisa. Que coisa é essa ou pode ser essa? Na Finlândia, nós temos falado muito de aliados, mas mesmo isso é problemático, porque essa é uma mensagem para os ricos brancos. Você quer fazer alguma coisa? Seja um aliado.

A transição, de que estávamos falando ontem, também tem o aspecto de como afeta as relações. Isso é assustador, porque permite

observar quanto poder alguém pode realmente ter, principalmente em relações com pessoas que não dispõem dos mesmos recursos. E eu não me refiro apenas à questão de classes. Estou falando de um capital desproporcional, capital intelectual, mobilidade. Que tipo de diálogo podemos promover se não levamos em conta tudo isso?

NOTAS

¹ O diálogo reproduzido a seguir fez parte do painel de conclusão do seminário “Brazil Seminar: Civil society development and participatory communication in the new political context. Dialogues around the legacy of Paulo Freire”, realizado na Loughborough University, em Londres, nos dias 5 e 6 de junho de 2019. Os participantes eram cerca de 25 pesquisadores vinculados a diversas universidades da Europa, da América Latina e do Norte, que estudam comunicação e mudança social a partir de diferentes perspectivas. Esse painel convidou os participantes do seminário a refletir sobre as seguintes perguntas: “É possível escutar a Paulo Freire nos dias atuais? O que ele nos diz?”

Os trechos selecionados para esta publicação foram transcritos e traduzidos para o português tal como apresentados durante o painel. Eles reúnem as sínteses apresentadas pelos organizadores do seminário e boa parte das reações dos demais participantes. As falas foram, porém, reordenadas e reagrupadas em torno de temáticas recorrentes, de modo a facilitar a leitura e o acompanhamento das ideias.

O painel pode ser visto, na íntegra, no seguinte link: <https://youtu.be/3rdmbXuGlog>

É importante salientar que esse painel não tinha o objetivo de ser conclusivo, mas de resumir os aspectos mais salientes, observados durante os dois dias de seminário. As falas correspondem a reflexões abertas e muitas delas configuram, mais que tudo, ponderações e questões que os participantes consideraram relevantes para analisar e discutir a comunicação e a participação cidadã nos tempos atuais.

² Paulo Freire is undoubtedly a figure of seminal importance in the field of participatory communication both in Brazil and internationally. It is therefore striking the explicit efforts of the government of Jair Bolsonaro to erase any trace of Freire’s pedagogy from any policy and practice in the country. This dialogue reproduced here –which closed the seminar ‘Civil society development and participatory communication in the new political context. Dialogues around the legacy of Paulo Freire’, held at Loughborough University in June 2019– aims not only to acknowledge the significance of Freire, but also discuss the relevance of his thoughts to understand the current situation in Brazil. In particular, we examine how Freire’s ideas about the relationship between oppressor and oppressed, dialogue and patience help us examine contemporary issues affecting Brazil, including social and political polarisation, the continuing importance of religion, the digitalisation of social communication as well as the possibility of resistance and change. We are convinced that the discussion below is relevant beyond the specificities of the Brazilian case and may open fresh and exciting avenues of thought and practice about Communication and Social Change in other settings.